
REVISTA TAKA'A

OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS PARA ALUNOS INDÍGENAS MÊBÊNGÔKRE/KAYAPÓ

THE CHALLENGES OF TEACHING PORTUGUESE GRAMMAR TO MÊBÊNGÔKRE/KAYAPÓ INDIGENOUS STUDENTS

Edson de Freitas Gomes
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
<https://orcid.org/0000-0001-6550-0928>
edsongomes@unifesspa.edu.br

Beptum Kayapó
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
<https://orcid.org/0009-0008-6112-8979>
beptumkayapo25@gmail.com

RESUMO

Partindo do pressuposto de que muitos dos alunos indígenas, que acessam o espaço universitário apresentam dificuldades para se comunicar na língua portuguesa, o projeto que resultou neste trabalho foi desenvolvido com o intuito de diminuir essas dificuldades. Pensando no público-alvo, a teoria escolhida deu prioridade para material bibliográfico de cunho gramatical para, assim, mostrar os fenômenos que ocorrem no português brasileiro e, ainda, compará-lo em alguns momentos com a língua materna do referido público. Trabalhar com a língua portuguesa, a partir dos aspectos gramaticais, nos possibilitou ensinar aos alunos indígenas uma abordagem da língua que é pouco explorada e, que muitos alunos não indígenas enfrentam dificuldades para tratar do assunto. A comparação de fenômenos entre as duas línguas também foi satisfatória, pois possibilitou que os alunos percebessem as diferenças e semelhanças nas estruturas fonética, morfológica e sintática das duas línguas. As atividades vão permitir que tenhamos alunos melhor formados nos cursos de Letras, Biologia e Engenharia Florestal do Instituto de Estudos do Xingu da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Palavras-chave: Alunos indígenas. Ensino de gramática. Português brasileiro.

ABSTRACT

Assuming that many indigenous students who access the university space face difficulties in communicating in Portuguese, the project that resulted in this work was developed with the aim of reducing these difficulties. With the target audience in mind, the chosen theory prioritized bibliographic materials of a grammatical nature to highlight the phenomena that occur in

Brazilian Portuguese and, at times, compare them with the native language of the said audience. Working with the Portuguese language from grammatical aspects allowed us to teach indigenous students an approach to the language that is rarely explored and which even many non-indigenous students struggle to grasp. The comparison of phenomena between the two languages was also effective, as it enabled the students to recognize the differences and similarities in the phonetic, morphological, and syntactic structures of both languages. These activities will contribute to better-prepared students in the courses of Literature, Biology, and Forestry Engineering from the Institute of Xingu Studies of the Federal University of South and Southeast Pará.

Keywords: Grammar teaching. Indigenous students. Portuguese Brazilian.

Introdução

Este trabalho mostra parte dos resultados das atividades aplicadas em sala de aula, referentes ao projeto de pesquisa intitulado ‘Ensino de Gramática do Português para Alunos Indígenas’, desenvolvido no período de março a dezembro de 2024, cuja finalidade é facilitar o entendimento da gramática do português para os alunos indígenas dos três cursos de graduação (Letras, Biologia e Engenharia Florestal) do Instituto de Estudos do Xingu, doravante IEX, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, doravante Unifesspa.

Desde os primeiros contatos com os não indígenas, as populações originárias vêm passando por um processo de perda dos seus costumes ancestrais e perda de suas línguas. Por outro lado, o contato tem colocado cada vez mais desafios a estas populações, dentre as quais, o domínio de outros idiomas, no caso dos indígenas brasileiros, a língua portuguesa.

No entanto, se adaptar à cultura do colonizador não é tarefa fácil, em especial, ao domínio da língua, que requer habilidades que, na maioria das vezes, os indígenas não possuem, por estarem fora do sistema escolar, que tradicionalmente não foi pensado para atendê-los. Nas escolas e nas universidades, o baixo conhecimento do português faz com que muitos indígenas não acompanhem o conteúdo de forma satisfatória, o que muitas vezes os levam a desistirem do Curso para o qual foram selecionados.

Em vista disso, a intenção do projeto de pesquisa foi ensinar a gramática do português para os 11 alunos indígenas, Mëbêngôkre/Kayapó, que estudam nos três cursos de graduação do IEX/Unifesspa. O projeto de pesquisa é composto pelo coordenador, pelo bolsista e por uma professora do curso de Letras, que atuou como colaboradora.

Dentre os trabalhos que figuram como referência para o desenvolvimento das atividades, estão *Laboratório de ensino de gramática* (Neves e Coneglian, 2023), *Morfologia para a educação básica* (Ferrarezi Junior, 2022), *Sintaxe para a educação básica* (Ferrarezi Junior, 2012) e *Gramática de bolso do português brasileiro* (Bagno, 2013).

A metodologia adotada no projeto foi a pesquisa de material escrito sobre o ensino de gramática do português e de trabalhos realizados sobre a língua *Mëbêngôkre*, e, após feita a seleção do material, foram preparadas as atividades a serem aplicadas em sala de aula com os alunos indígenas. Além do material escrito, realizamos atividades em que os alunos traziam as dúvidas sobre palavras e sentenças do português para irmos vendo a forma adequada de escrevê-las e pronunciá-las.

O público-alvo

O ensino dos conteúdos da matriz curricular para os alunos indígenas, que ingressam nos cursos do IEX/Unifesspa, é um desafio que exige dos professores diferentes estratégias para evitar que estes alunos desistam. O esforço é muito grande para que eles consigam compreender e acompanhar os conteúdos ministrados nas aulas, pois, as universidades embora tenham avançado na ampliação da entrada dos diferentes segmentos sociais, muito dos quais historicamente foram alijados dos benefícios, ainda não estão adaptadas para oferecer um ensino mais inclusivo e adequado a todos.

Nas palavras de Luciano (2019, p. 3):

Sabemos que os estudos na graduação e pós-graduação ainda não garantem espaços institucionais adequados para os indígenas e seus distintos e numerosos conhecimentos e experiências de vida, pois o cartesianismo e o positivismo antropocêntrico reinantes nos programas, cursos e disciplinas continuam orientados e orientando pesquisas e teorias a partir da ideia frágil de ‘objetividade’ da produção acadêmica, que induz ou mesmo seduz ao pensamento a atitudes perigosas de separação e distanciamento hierárquico do homem da natureza cósmica com suposto privilégio do primeiro sujeito homem e em detrimento do segundo sujeito natureza.

As dificuldades dos nossos alunos indígenas, frente aos conteúdos ministrados na universidade, se justificam se considerarmos que a tradição educacional nas suas aldeias era baseada na transmissão do conhecimento entre gerações, dos mais velhos para os mais novos, pela oralidade, naquilo que Bakhtin (1979) chama de gêneros primários, que ocorre pela comunicação verbal espontânea.

A partir da implantação de escolas nas aldeias, quando os indígenas são inseridos em um espaço escolar, com um formato diferente daquele da tradição, o processo de adaptação passou a ser penoso, pois, dentre outros domínios que precisam adquirir para se ajustar à nova realidade, o processo educacional ocorre por meio do que Bakhtin (Op. cit.) chamou de gêneros secundários, baseado em uma comunicação cultural, mais complexa, principalmente, escrita: artística, científica, sociopolítica.

Assim, uma das estratégias adotadas para tentar superar as dificuldades dos alunos é desenvolver atividades, como o ensino de português, a fim de facilitar o entendimento e aprendizado dos conteúdos e a realização das demais atividades acadêmicas, tais como projetos de pesquisa, ensino e extensão, elaboração do TCC, artigos etc.

Diante deste cenário, desenvolver atividades práticas sobre o ensino de gramática do português para os alunos indígenas dos cursos de graduação do IEX/Unifesspa: Letras, Biologia e Engenharia Florestal é uma estratégia para evitar que ocorra a desistência e para melhorar a performance dos alunos nos cursos.

A metodologia desenvolvida no projeto pretende dar conta de levar os alunos indígenas a usarem o conhecimento de gramática do português, em benefício de suas produções textuais para melhor aplicação nas atividades acadêmico-escolares. Durante a execução do projeto de pesquisa, os discentes tiveram contato com os conteúdos de língua portuguesa que foram preparados, considerando os diferentes aspectos que estruturam a língua.

A estratégia de utilizar textos para trabalhar os conteúdos gramaticais se mostrou muito produtiva, facilitando a absorção de conhecimento dos assuntos, pois, assim facilita a interação dos alunos durante as aulas. O trabalho com texto é importante, porque mostra para os alunos que é comum o texto se estruturar em sentenças, que é resultado de construções gramaticais.

As atividades de aplicação dos conteúdos, em sala de aula, foram realizadas pelo bolsista, monitoradas pelo coordenador do projeto, no período de agosto¹ a dezembro de 2024. Durante as aulas, os alunos tinham que ir ao quadro para fazer as atividades, pois, assim, facilitaria o aprendizado do conteúdo trabalhado.

¹ Embora estive previsto no projeto, que, a aplicação das atividades em sala de aula iniciaria em abril de 2024, em decorrência da greve das universidades federais e da ida do bolsista para a aldeia, só foi possível aplicá-las a partir de agosto de 2024.

Fundamentação teórica

Para a execução do projeto de pesquisa, adotamos material bibliográfico para dar suporte nas atividades de ensino do conteúdo proposto. Dentre os materiais escritos disponíveis, cabe destacar o livro *Laboratório de ensino de gramática* (Neves e Coneglian, 2023), que apresenta uma proposta efetivamente prática de ensino de gramática, que leva o aluno a compreender e refletir o real funcionamento da linguagem. O livro oferece teoria e a maneira prática de operar as teorias, por meio da análise de dados reais da língua em textos, com sugestão de exercícios para atividades em sala de aula.

Já o livro de Ferrarezi Junior (2022), *Morfologia para a educação básica* é dirigido a professores da educação básica, para aplicação em sala de aula, abordando a morfologia a partir de três critérios: quando ensinar, o que ensinar e como ensinar, tendo como parâmetro o nível dos estudantes.

No aspecto morfológico, foram trabalhadas as noções de formação das palavras, considerando o morfema como as unidades em que as palavras são segmentadas, partindo do princípio de que a raiz/o radical é o repositório do significado da palavra, o núcleo, elemento lexical, e as desinências, que se adjungem à raiz, são os elementos gramaticais.

As classes de palavras têm papel de destaque neste projeto, por apresentarem a propriedade de formar novas palavras, a partir de uma já existente. Nomes, nominais adjetivos e verbos são as classes mais produtivas. Pronome também é muito interessante de ser estudado, embora ele não seja uma classe que possa gerar novas palavras.

A respeito da concordância nominal, pode-se observar que:

Nomes são as palavras nominais que funcionam como base de concordância para as palavras nominais adjetivas (por meio de concordância nominal) [...] Nominais adjetivos são palavras que aparecem nas frases concordando com os nomes (com as bases nominais), por meio de concordância nominal (Ferrarezi Junior, 2022, p. 78).

Segundo Câmara Junior (2019), “Há três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. O semântico, que significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua. O formal ou mórfico: propriedades de forma gramatical que podem apresentar e, o funcional: a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença. Este critério teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística

sincrônica de Bloomfield.”. Este mesmo autor classifica as classes de palavras em as grandes classes de palavras (nomes - artigo e adjetivo, verbos e pronomes) e as classes menores (conectivos - preposições e conjunções).

Por outro lado, o livro *Sintaxe para a educação básica* “é um livro para pessoas que precisam de formação inicial, professores e alunos da educação básica e alunos dos cursos de Letras na graduação” (Ferrarezi Junior, 2012).

Como o projeto envolveu alunos indígenas, consideramos importante destacar a educação escolar indígena para a formação deste público. Dentre os trabalhos na área, selecionamos o artigo de Luciano *Educação para manejo do mundo* (2019), cujo propósito principal é “o manejo do mundo no sentido de compreendê-lo para respeitá-lo e dele garantir o equilíbrio da vida e da existência humana e da natureza.”.

No artigo *Reflexões sobre o estudo de línguas indígenas na formação de docentes indígenas na Universidade Federal de Goiás* (2023), Borges relata sua experiência como professora de línguas indígenas no curso de licenciatura em educação intercultural da Universidade Federal de Goiás. Segundo a autora:

Esses estudos são desenvolvidos por meio de uma metodologia de parceria entre professores/as do curso, alunos/as e egressos/as, valorizando seus saberes e fortalecendo sua autonomia e protagonismo, a fim de atuarem como professores/as nas escolas de suas comunidades. Nas aulas há sempre muitas apresentações e discussões feitas pelos/as alunos/as para seus colegas, sobre os trabalhos realizados, momentos em que mostram aspectos de suas línguas e refletem sobre elas, trazendo suas abordagens próprias, além de conhecer um pouco sobre as línguas faladas pelo restante da turma. (Borges, 2023, p. 86).

A experiência do Núcleo de educação intercultural da UFG, é uma proposta de atividades que envolvem os alunos indígenas, que vai ao encontro de uma perspectiva de ensino universitário em uma nova chave, em que os alunos são estimulados a mostrar os conhecimentos dos aspectos das suas línguas, o que deve fortalecer em muito os seus papéis dentro do espaço acadêmico.

Resultados e discussões

Durante as aulas do projeto, tentamos desenvolver atividades relacionadas à estrutura gramatical do português, fazendo paralelo com a gramática da língua *Mëbêngôkre*. Assim, sempre que possível, após os exemplos na língua portuguesa, seguiam-se exemplos na língua

indígena, a fim de facilitar o entendimento do conteúdo e de familiarizar os alunos com as diferenças que existem entre as línguas.

Os exemplos trabalhados foram organizados, considerando-se os aspectos fonológico, morfológico e sintático, como se segue.

Aspecto Fonológico

Em relação ao aspecto fonológico, iniciamos os trabalhos mostrando que há diferença entre escrita, forma gráfica, e som, forma sonora. Em vista disso, palavras como dente, pente, mente etc., e, palavras como ponto, conto, pombo etc., embora sejam escritas com e e o finais, respectivamente, têm sons i e u, ou seja, ocorre o alteamento dessas vogais.

Foi mencionado que o ambiente faz com que determinadas palavras sejam escritas de determinada forma, como por exemplo a palavra intensidade e impaciente. Em intensidade, a presença da nasal dental [n] é exigido por esta anteceder a oclusiva dental surda [t]. Ao passo, que na palavra impaciente, a presença da nasal bilabial [m] é exigida por esta anteceder a oclusiva bilabial surda [p].

Mostramos que, em razão da falta de alguns segmentos sonoros em determinadas línguas, falantes geralmente não conseguem pronunciar determinados sons e os substituem por outros próximos, como é o caso dos exemplos, a seguir.

O falante de português por não dispor do segmento nasal velar [ŋ] na língua, utiliza o segmento oclusivo velar [g] ao pronunciar a palavra cobra em *Mêbêngôkre*, conforme se atesta em (01) a seguir.

(01) kangã [kaŋã] > [kagã] ‘cobra’

Os falantes das línguas Timbira, Parkatejê, por exemplo por não disporem do segmento oclusivo bilabial sonoro [b] na língua, utiliza o segmento oclusivo surdo [p] ao pronunciar a palavra branco em *Mêbêngôkre*, conforme se atesta em (02) a seguir.

(02) [kupên] em Timbira > [kubên] em mebêngôkre ‘não indígena/branco’

Observamos, também, que o falante da língua *Mëbêngôkre*, ao pronunciar palavras como bolacha, por não dispor no seu repertório a aproximante lateral [l], troca-a pela vibrante [r], conforme exposto em (03).

(03) bolacha > boracha

Podemos observar nos três exemplos acima que, a falta do som nasal velar [ŋ], no alfabeto fonético do português, leva os falantes dessa língua a substituírem-no pelo som oclusivo sonoro velar [g]. Ao passo que nas línguas Timbira, a ausência da oclusiva sonora [b], faz com que o falante da língua, o substitua pelo som oclusivo surdo [p]. Por outro lado, o *Mëbêngôkre*, por não ter disponível no seu repertório, a aproximante lateral [l], a substitui pela vibrante [r].

Aspecto morfológico

No trabalho referente aos morfemas das palavras, desenvolvemos atividades com a tentativa de mostrar as partes em que podemos segmentá-las para encontrarmos os morfemas que são a base e os demais, que se adjungem a esta, sempre com o intuito de comparar com exemplos do *Mëbêngôkre*.

Nos exemplos a seguir, podemos ver as formas mínimas das palavras em português e em *Mëbêngôkre*.

Português	<i>Mëbêngôkre</i>
(04) gat <u>o</u> s - morfema de plural	<i>mrykrãnhêt kumex</i> - morfema de plural
gat <u>a</u> - morfema de feminino	<i>mrykrãnhêt nire</i> - morfema de feminino
gat <u>o</u> - morfema de masculino	<i>mrykrãnhêt ø</i> - morfema de masculino

No caso do português, gat- é a raiz da palavra, enquanto -s é morfema de plural, -a morfema de feminino e -o morfema de masculino.

Nos exemplos acima, podemos observar que, enquanto no português os morfemas para indicar plural, feminino e masculino fazem parte da palavra, em *Mëbêngôkre* outras palavras exercem esta função.

Embora em *Mëbêngôkre*, a palavra *mrykrãnhêt* ‘gato’ seja um composto de três morfemas diferentes ‘*mry* - animal’, *krã* - cabeça’ e ‘*nhêt* - pequeno’, estes morfemas juntos são a palavra gato, portanto a raiz e não morfemas de plural, feminino e masculino.

Para citar mais um exemplo de palavra composta de morfemas em *Mëbêngôkre*, temos a palavra *mryti* ‘boi/vaca’, em que ‘*mry* é animal’ e ‘*ti* é grande’, animal grande.

Diferentemente do exemplo anterior do *Mëbêngôkre*, estes quatro pares de exemplos mostram a presença de morfemas na mesma palavra, assim como, o exemplo do português, descrito em (04) acima.

Mëbêngôkre

- | | |
|--|--|
| (05) krē - forma verbal da palavra 'comer' | krēn - forma nominal da palavra 'comer' |
| pumũ - forma verbal da palavra 'ver' | pumũj - forma nominal da palavra 'ver' |
| tó - forma verbal da palavra 'dançar' | tor - forma nominal da palavra 'dançar' |
| kuruwa - forma verbal da palavra 'bater' | kuruwaj - forma nominal da palavra 'bater' |

Nestes casos, tem-se a alternância na forma da raiz da palavra verbal², a qual ocorre ou na forma verbal ou na forma nominal. Em (05), a palavra da esquerda é a forma verbal, já a palavra da direita, com o acréscimo dos morfemas *-n*, *-j*, *-ré* e *-j*, é a forma nominal.

Outro ponto desenvolvido trata sobre a flexão das palavras, a fim de realizar a concordância destas dentro do sintagma nominal, doravante SN, como ocorre no exemplo do português a seguir.

- (06) O estudante foi para a escola.

Português

[O estudante]SN

[Os estudantes]SN

Mëbêngôkre

[O Mebêngôkre]SN

[Os Mebêngôkreø]SN

Observamos no exemplo (06) acima, que no português é realizada a concordância do artigo com o nome dentro do SN, que é o sujeito, pois se trata de uma língua predominantemente flexional (Katamba e Stonham, 2006); enquanto em *Mëbêngôkre* não ocorre a concordância

² Para Reis Silva e Salanova (2000) ‘as palavras verbais podem apresentar alternância na forma da raiz e nos padrões de marcação de pessoa, ou, apenas alternância nos padrões de marcação de pessoa, quando não ocorre alternância na forma da raiz e na marcação de pessoa, tem-se um nome.

dos termos dentro do SN, uma vez que se trata de uma língua predominantemente isolante (Sândalo, 2001; Katamba e Stonham, 2006).

Neste ponto, procuramos chamar a atenção para o fato que há ocorrências de palavras que identificam as etnias indígenas, que são escritas fazendo concordância do artigo com o nome, mas que isso é do falante do português que tende a realizar esta ação, baseado no princípio do português, que é uma língua flexional. Inclusive a língua *Mëbêngôkre* não tem artigo, como é o caso dos exemplos (07) a seguir.

(07) [Os *Mëbêngôkres*]SN, [Os *Wajurus*]SN, [Os *Krenaks*]SN, [Os *Parkatejês*]SN

Relatamos que existe um bairro na cidade de Belém-Pará que é chamado *Jurunas* e que, as ruas desse bairro têm nomes de etnias indígenas brasileiras, tais quais *Timbira_s*, *Tamoio_s*, *Mundurucu*, *Tupinambá_s*, *Pariqui_s*, *Apinagê_s*, conforme (Portal Paramazônia). Todos os nomes das etnias indígenas, identificados nas placas das ruas, estão escritos com s no final, que é uma marca de plural em português.

É notório observar que os nomes das etnias são escritos no singular, em razão da convenção antropológica, firmada durante a primeira reunião brasileira de antropologia, ocorrida no dia 14 de novembro de 1953, no Rio de Janeiro, e, publicada em dezembro de 1954, a qual convencionou as grafias dos nomes tribais, conforme se vê na norma 22, p. 4: ‘Os nomes tribais de 1) a 20) não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival.’

Em relação ao tempo verbal, trabalhamos de acordo com o postulado por Payne (1997) e Klein (2009), de que o tempo pode ser expresso no próprio verbo, gramaticalizado, com a afixação de morfema na raiz da palavra verbal, ou pela inserção de partículas na sentença, lexicalizado, mas que estão separadas do verbo.

Enquanto no português ocorre a flexão do verbo e o tempo é mapeado no próprio verbo, conforme exemplo (08) a seguir. Por outro lado, a língua *Mëbêngôkre* expressa tempo por uma partícula, anteposta ao sujeito, conforme exemplo (09) a seguir:

(08) x comer peixe

eu comi o peixe

eu vou comer o peixe

eu como o peixe

- (09) ba nē ba tep krē ba dja ba tep krē
 eu NFUT eu peixe comer eu FUT eu peixe comer
 ‘Eu comi/como o peixe.’ ‘Eu vou comer o peixe.’

Nos exemplos (08) e (09) descritos acima, percebemos a diferença entre o uso do morfema de tempo no final da palavra, que é o verbo, em português e, uma palavra, que é uma partícula, em *Mëbêngôkre*.

Aspecto sintático

Iniciamos esta seção, mostrando a tabela com os pronomes da língua *Mëbêngôkre*, os quais são expressos por uma série de pronomes independentes ou por uma série de prefixos, estes indexados no verbo, conforme quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Formas dos argumentos pronominais³ em *Mëbêngôkre*.

Pessoa	Pronomes independentes	Prefixos pessoais
1s	ba	i-
1p	gwaj ba/gu mē	ba-
2	ga	a-
3	tam jã/ta wã	ø/ku-

Fonte: Gomes (2025, no prelo).

Dentre as atividades do projeto, tentamos fazer a comparação das estruturas dos constituintes sintáticos das orações nas duas línguas, o que inclui exemplos como (10) e (11).

- (10) S V O
 eu comer peixe
 ‘Eu comi o peixe.’
- (11) TAM S O V
 ba nē ba tep krē
 1SG NFUT 1SG peixe comer
 ‘Eu comi o peixe.’

³ As formas pronominais e prefixais são as mesmas para a 2ª e 3ª pessoas no singular e no plural.

Nos exemplos (10) e (11) acima, observamos que o português apresenta estrutura de constituintes da oração SVO, verbo medial, enquanto a língua *Mëbêngôkre* apresenta a estrutura SOV, verbo final, nos termos de (Dryer, 2007).

Ainda nos mesmos exemplos, em relação à marcação de tempo, podemos observar que enquanto em português o tempo é marcado pelo morfema final na forma do verbo comer ‘comi’; em *Mëbêngôkre*, o tempo é expresso pela partícula *ně* para se referir ao presente e o passado e *dja* para se referir ao futuro, e, não há nenhuma informação sobre tempo no verbo.

Em relação às classes gramaticais, o português apresenta preposição, por ser uma língua de verbo medial, enquanto o *Mëbêngôkre* apresenta posposição, por ser língua de verbo final, como se pode ver a seguir.

Português

Você me deu o presente.

SUJEITO	VERBO	OD	OI
você	deu	o presente	<u>para mim</u>

Mëbêngôkre

	TAM	EX-DAT	St-Pred	
ba	ně	ba	<u>i-mã</u>	a-kĩj
1SG	NFUT	1SG	1SG-DAT	2SG-gostar

‘Eu gosto de você.’ Você me faz bem (você faz bem para mim)

Na questão acima, podemos observar que, o que é o oblíquo, objeto indireto, em português, em *Mëbêngôkre* tem a função de sujeito, experienciador, baseado em critérios descritos em Gomes (2021).

Considerações finais

O contato com os trabalhos teóricos sobre o ensino dos aspectos gramaticais do português para a educação básica, foram a motivação para o desenvolvimento do projeto com

os alunos indígenas *Mëbêngôkre*. A partir de tais referências, pudemos desenvolver atividades voltadas para o público-alvo do projeto.

A descrição de fenômenos que ocorrem na língua portuguesa, do ponto de vista gramatical, nos proporcionou mostrar aos alunos indígenas, como ocorrem e nos diferentes aspectos que ocorrem, seja fonético, morfológico ou sintático. Além do mais, comparar a ocorrência dos fenômenos nas duas línguas, nos possibilitou a percepção ainda que fragmentada de visões diferentes do mesmo mundo.

Acreditamos que os participantes do projeto conseguiram minimamente adquirir competências e habilidades para escrever e falar o português, com maior desenvoltura e conseguiram entendimento capaz de aperfeiçoar ao longo do curso. As atividades vão permitir que tenhamos alunos melhor formados no curso de Letras.

Consideramos que o projeto conseguiu atingir parcialmente o seu propósito, devido às dificuldades enfrentadas, no entanto, a nossa perspectiva é que nos próximos projetos consigamos resultados mais expressivos, porque a experiência vai nos aperfeiçoando.

Abreviaturas

DAT=dativo, Ex=experienciador, NFUT=futuro, NFUT=não futuro, OD=objeto direto, OI=objeto indireto, OP. CIT.=opção citada, Pred=predicado, SN=sintagma nominal, SOV=sujeito objeto verbo, ST=estímulo, SVO=sujeito verbo objeto, TAM=tempo aspecto modo. 1SG=primeira pessoa do singular, 2SG=segunda pessoa do singular

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio financeiro dado pela Propit/Unifesspa, por meio de bolsa de iniciação científica via Edital Propit nº 01/2024 - Pibic e Pibiti/Pnaes/Unifesspa - Edital temático - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Referências

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BORGES, Monica Veloso. Reflexões sobre o estudo de línguas indígenas na formação de docentes indígenas na Universidade Federal de Goiás (UFG/Goiás/Brasil). **Revista del Instituto de Investigaciones en Educación**. Chaco (Argentina), v.20, p. 80-99, out. 2023.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

DRYER, Matthew. Word order. In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1. p. 224-275.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sintaxe para a educação básica**. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Morfologia para a educação básica**. São Paulo: Contexto, 2022.

GOMES, Edson de Freitas. (no prelo). **Relações gramaticais e padrão de alinhamento em mebêngôkre**. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas, no prelo.

GOMES, Edson de Freitas. (2021). **Aspectos morfossintáticos em Mëbêngôkre: transitividade e marcação de argumentos**. 2021. 191f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

KATAMBA, Francis; STONHAM, John. **Morphology**. 2 ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006.

KLEIN, Wolfgang. How time is encoded. In: KLEIN, Wolfgang; LI, Ping (ed.). **The expression of time**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, p. 40-81.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Educação para manejo do mundo. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 4, 2019. DOI: 10.5216/racs.v4i0.59074. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/59074>. Acesso em: 23 fev. 2025.

NEVES, Maria Helena Moura. **Que gramática estudar na escola?** 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena Moura; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. **Laboratório de ensino de gramática**. São Paulo: Contexto, 2023.

PAYNE, Thomas. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PORTAL DA AMAZÔNIA. **A influência indígena nas ruas de Belém do Pará**. Disponível em: <https://portalparamazonia.blogspot.com/2018/01/a-influencia-indigena-nas-ruas-de-belem.html>. Acesso em: 12 ago. 2024.

REIS SILVA, Maria Amélia; Salanova, Andrés Pablo (2000). **Verbo y ergatividad escindida en Mebêngôkre**. In van der Voort, Hein; van der Kerke, Simon. (Ed.). *Indigenous Languages of Lowland South America [Indigenous Languages of Latin America, 1]*, p. 225-242. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS).

REVISTA DE ANTROPOLOGIA. **Convenção para a grafia dos nomes tribais**. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, vol. 2, no. 2 (DEZEMBRO 1954), p. 150-152.

SÂNDALO, Filomena. Morfologia. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em 23 de dezembro de 2024

Aprovado em 10 de fevereiro de 2025

Publicado em 24 de fevereiro de 2025